

CPI DOS CORREIOS: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DAS REVISTAS “VEJA” E “ISTOÉ”¹

POST OFFICE FEDERAL INVESTIGATION: ANALYSIS OF DISCURSIVE STRATEGIES OF “VEJA” AND “ISTOÉ” MAGAZINES

José Quintana Freitas Júnior² e Viviane Borelli³

RESUMO

Atualmente, a mídia ocupa um papel central nas relações entre os campos sociais. A partir de sua importância nessas relações, procurou-se analisar o papel de duas mídias, na cobertura de uma crise política, que resultou em diversas acusações, cassações e polêmicas, que foi a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Correios. Através de algumas teorias e técnicas de análise da comunicação, como agendamento, midiaticização, campos sociais, análise do discurso, analisaram-se as estratégias discursivas das revistas **Veja** e **IstoÉ**, na cobertura do evento. Enquanto **Veja** anuncia o possível *impeachment* a vista e uma crise do partido do governo, **IstoÉ** não elege culpados e prefere trazer ao debate temas que estão ligados, diretamente e indiretamente, à CPI. Um grande caso de corrupção no Brasil e duas coberturas com enfoques totalmente diferentes.

Palavras-chave: CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito), mensalão, midiaticização.

ABSTRACT

*Currently, the media occupies a central paper in the relations among the social fields. Based on the importance media has in these relations, we sought to analyze the role of two media, in the covering of a political crisis, which resulted in several accusations, annulments and polemics, in the Post Office federal investigation. Through some theories and communication analysis techniques, as scheduling, midiatization, social fields, discourse analysis, we analyzed the discursive strategies at **Veja** and **IstoÉ** magazines, in the covering of this event. While **Veja** announces*

¹ Trabalho de Iniciação Científica – PROBIC.

² Acadêmico do Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UNIFRA.

³ Orientadora – UNIFRA.

that an impeachment is likely to happen due to a crisis in the government's political party, IstoÉ does not elect guilty people and prefers to bring to the debate some themes that are connected, directly and indirectly, to the investigation. It is a big corruption case in Brazil with two covering with totally different approaches.

Keywords: *Federal Investigation, bribery, covering.*

INTRODUÇÃO

Desde o poder consolidado da mídia, atrelado aos movimentos políticos, que são estudadas formas de agendamento em diversos casos, bem como as suas consequências. Mais recentemente, no início da década de 90, a revista **Veja** colaborou na denúncia do então presidente Collor, culminando em sua cassação.

Em 14 de maio de 2005, a Revista **Veja** denuncia, por meio de uma fita de vídeo, um suposto esquema de suborno, envolvendo os Correios. Nela, o ex-diretor do Departamento de Contratação e Administração de Material dos Correios, Maurício Marinho, detalha a dois empresários um esquema de pagamento de propina, supostamente conduzido pelo presidente do PTB e deputado federal, Roberto Jefferson (RJ), e outro diretor da empresa, Antônio Osório Batista. Isso desencadeou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), no dia 27 de maio, contra a vontade do Governo.

No mês seguinte, Jefferson acabaria por denunciar o suposto esquema apelidado de 'mensalão', que seria uma espécie de salário extra, para os deputados e senadores aprovarem projetos do governo federal. A CPI dos Correios é um escândalo da política brasileira e representa uma suposta mudança tanto em relação à postura dos políticos quanto à postura dos eleitores e/ou cidadãos.

O primeiro impacto das denúncias de Jefferson foi o afastamento do ministro chefe da Casa Civil, José Dirceu, considerado um dos homens mais fortes do governo petista. Em julho, o empresário Marcos Valério, acusado por Jefferson de envolvimento no mensalão, é alvo de denúncias e provoca queda da executiva do PT e do presidente da sigla, José Genoíno.

A Revista **Veja** foi o primeiro veículo de comunicação do país a denunciar o esquema de corrupção. A cobertura do periódico foi fundamental para criação da CPI dos Correios. Na metade de junho, a Revista **IstoÉ** estreava na cobertura, rivalizando com **Veja** nos passos da cobertura do processo.

As duas publicações circulam com cerca de 120 páginas semanais. A **IstoÉ** pertence à Editora Três, da família Alzugaray. Já a **Veja** é da Editora Abril (Grupo Abril), da família Civita.

O jornalismo em revista se faz de forma diferente do jornal diário. Apesar de trabalhar também com assuntos factuais, esse tipo de texto exige um caráter mais investigativo, de maior profundidade, até pelo fato de, em muitos casos, a notícia em si já ser conhecida, precisando ter novos elementos.

A pesquisa analisa as construções discursivas por meio, especialmente, de textos, mas também de imagens, como forma de apoio e complemento das capas dos periódicos dos trabalhos da CPI, de maio de 2005 a março 2006.

Na pesquisa, são analisadas as capas entre as edições de maio de 2005 a março de 2006 que tematizaram a CPI dos Correios, de forma simultânea entre as duas mídias. Como a **IstoÉ** publicou esse tema até agosto, mesmo a **Veja** tendo publicado quase o dobro de edições sobre o tema, a análise é comparativa, portanto, se faz necessário acompanhar e analisar somente quando as revistas tematizam a CPI ao mesmo tempo, nesse caso, até agosto de 2005.

As capas são analisadas com base em alguns fundamentos da Análise de Discurso, como meta de exploração, nas suas formas singulares de agendamento do tema CPI dos Correios.

Os elementos, que são analisados na capa, compreendem os títulos e subtítulos. As imagens, pelo fato de muitas capas explicitarem o seu tema através de algumas fotos, infografias, caricaturas ou ilustrações, são analisadas de forma mais descritiva, uma vez que o principal foco da pesquisa é a interpretação do texto.

A DENÚNCIA

Anterior à edição da denúncia do esquema de corrupção, denominado “Mensalão”, a Revista **Veja** trouxe como tema central em sua capa o título “Corruptos - Estamos perdendo a Guerra contra essa praga” (25 de maio de 2005).

Nessa edição, há a imagem de um político, com a sua riqueza, poder e, ao mesmo tempo, liga-se à figura de um rato, como perfil de seu rosto. O modo de construção da capa retrata uma doença ou uma praga: a corrupção por parte dos políticos. Essa edição pode ser considerada uma prévia do que seriam os principais temas das duas revistas por um longo período.

Na edição de 01 de junho, **Veja** publica “O homem-bomba – Se for incriminado pela Cpi dos Correios, Jefferson ameaça levar junto Dirceu, Silvio e Delúbio do PT”, traz como centro da capa o personagem Roberto Jefferson denunciando o esquema de corrupção (01/06/06). Nessa edição, o denunciamento é realizado pela **Veja**, ou seja, nesse momento, torna-se a mídia

um ser investigativo e também revelador de novos temas, que se alimentam como provas ou argumentos pautados nas defesas de acusados nos relatórios da CPI.

A edição trata o depoimento do personagem em questão como fonte segura, nomeia-o de “Homem Bomba”, ou seja, alguém que conhece muitos assuntos que podem comprometer colegas, afirmando que a corrupção é muito grande no país, a ponto de dizer que levaria consigo diversos deputados e líderes ligados ao Partido dos Trabalhadores, que representava o governo em gestão durante a CPI dos Correios.

A única imagem da capa desta edição é uma foto de Roberto Jefferson que representa um homem prestes a abrir a boca, ou seja, falar o que sabe; o que poderia culminar numa crise nacional.

Na edição seguinte, “Amazônia à venda – Petistas presos aceitavam propina de madeireiras que devastavam a floresta” (08/06/05), a revista apresenta mais um caso de corrupção. A construção da capa remete à imagem de uma Amazônia sendo devastada, cortada por uma enorme lâmina que traz o dizer “Corrupção”, que seria a divulgação de um grande esquema de propina, somado à destruição da mata, devido a um esquema de pagamento a petistas, que estariam facilitando a exploração da floresta. Ainda nessa edição, a capa apresenta uma chamada secundária sobre a confirmação da ‘mesada’ feita aos políticos no esquema investigado.

Ao interpretar as imagens e dizeres, há a representação da bandeira nacional, estampada, como se estivesse ligada a esse esquema, e, ao mesmo tempo, há remissão a uma pátria sendo atingida e dividida por esses fatos que a revista tematiza.

A partir da quarta edição da **Veja**, sucessiva à declaração de Jefferson, a Revista **IstoÉ** entra no tema da divulgação da CPI. Em sua primeira edição, ela traz o título: “A Esperança Encurralada” (15/06/05), mostrando uma fotografia do presidente Lula cabisbaixo, numa mistura de vergonha com abatimento.

A mensagem esperança faz menção ao *slogan* de campanha de Lula, na qual ele se dizia a esperança do país, assim como na sua vitória, quando ele declarou que a esperança venceu o medo. Nesse jogo de imagens, a **IstoÉ** traz o tema com a cor do partido de fundo, torna questionável a hipótese ou levanta suspeita quanto à integridade do PT, mas também sobre até que ponto o presidente seria 100% inocente, uma vez que o cerco estava se fechando.

Na edição da Revista **Veja**, da mesma semana em que a sua concorrente entrou na cobertura da polêmica declaração de Jefferson, ela aborda o seguinte título “Quem mais?- Com uma CPI instalada e outra a caminho, a pergunta é qual

será o rosto no próximo escândalo” (15/06/05). A imagem que aparece na capa é do ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares, como a figura do momento ou a carta da vez, estando, sobrepostas a sua imagem, outras várias cartas, que complementam a pergunta da capa. Ainda, nessa mesma montagem, há a figura de uma carta que sai de cena, com a imagem de Roberto Jefferson, o qual faz um acompanhamento de personagens desde o surgimento da denúncia. Da mesma forma que **IstoÉ**, a **Veja** traz, de fundo, as cores do PT, para enfatizar que a crise política estava interligada, principalmente, ao partido do governo.

No entanto, nas próximas edições é que começam a aparecer os diferentes modos de nomear, mostrar e definir o posicionamento editorial das duas revistas, nas manchetes e nas montagens de suas capas.

Na edição posterior, a revista **IstoÉ** publica a manchete: “Agora é Guerra”(22/06/05), com a imagem de José Dirceu com luvas de boxe, o que remete ao fato de que espera o começo da luta direta, com os seguintes títulos, abaixo do principal: “José Dirceu volta ao Congresso para liderar tropa de choque governista; Lula faz reforma ministerial para atenuar crise política; Documentos apontam: deputado Janene enriqueceu com mensalão; Envolvidos confirmam as declarações da secretária de Marcos Valério a **IstoÉ** Dinheiro”.

De certa forma, a capa traz a confirmação da CPI, ou melhor, do ‘mensalão’, mas dá ênfase à batalha em que o governo entra para conseguir fugir da crise e, ao mesmo tempo, não comprometer a sua imagem. A **IstoÉ** não condena Dirceu, apenas o declara pronto para o confronto.

Em relação à **Veja**, o título da semana foi “Tem Concerto? – Com a demissão de José Dirceu, Lula tenta salvar seu governo e sua biografia” (22/06/05). A imagem é uma estátua de Lula em ruínas, como se a sua força ou imagem estivesse sendo derrubada com a crise. Além dessa figura, o fundo da montagem é sombrio, dando ares de que, de fato, a ruína está apenas começando.

Em relação às capas da mesma semana, nota-se que, enquanto **IstoÉ** traz Dirceu pronto para o confronto, **Veja** mostra que a demissão de Dirceu está desmoronando o governo.

Começa a se tornar evidente que, apesar do fato de a demissão do ex-ministro José Dirceu ter sido abordada pelas duas mídias, a linha de abordagem e de percepção no acompanhamento da CPI e da crise política são diferentes.

Essa diferença mostra-se mais evidente na semana seguinte. Na edição da **IstoÉ**, o título é: “Exclusivo- A Rota do Mensalão- Depois das Denúncias de Roberto Jefferson e do testemunho da secretária Karina, documento em poder do

Ministério Público mostra os saques milionários, em dinheiro, feitos no Banco Rural”(29/06/05).

O modo de construção dessa edição representa que, apesar da denúncia ter sido publicada na **Veja**, a **IstoÉ**, de forma exclusiva, afirma saber toda a rota do dinheiro utilizado no escândalo.

Já a Revista **Veja** traz uma capa ilustrada com o brasão federal modificado, grafica e linguisticamente, com o título: “O Grande Erro - Confundir o Partido com o Governo”(29/06/05). No brasão, os dizeres são “República Federativa do Zé”, fazendo menção a José Dirceu e com a data do início do governo Lula, além do logotipo do PT, em vez do emblema federal. A revista, nesse momento, assume um papel de quem não só investiga, mas também julga e sentencia os fatos ocorridos, por meio de capas expressivas e com tomadas de posição claras.

Nessa edição, a **Veja** transparece uma linha mais incisiva, comparada à forma que começou o seu processo durante a CPI. Anteriormente, os títulos eram escritos como suposições, mas com a entrada da cobertura da **IstoÉ**, **Veja** começa a ser mais contundente nos seus enunciados, afirmando que, além de Dirceu estar por trás da corrupção, seria também o responsável por governar o país, ao invés de Lula. Dessa forma, fica claro que, no primeiro mês após a denúncia de Jefferson, a forma que as mídias agendaram o tema CPI já foi bastante divergente.

Segundo Traquina (2001), a influência da agenda da mídia sobre a agenda pública é direta e imediata, principalmente, quando envolve questões em que o público não tem uma experiência direta. Nesse aspecto, o meio político, ciente da importância de participar da agenda midiática, esforça-se para “criar fatos novos”, visando a melhorar sua imagem perante a opinião pública.

Da mesma forma, a mídia impressa influenciou, diretamente, outras mídias, assim como o campo político, uma vez que a **Veja** publica a denúncia, vira fonte de acusações ou de defesa nos argumentos e relatórios da CPI dos Correios, mas também é acompanhada na cobertura e investigações da crise, por outras mídias, inclusive a sua concorrente **IstoÉ**.

Conforme Verón (1997), é importante estudar os modos de funcionamento da mídia e suas estratégias de produção de sentidos em relação aos mecanismos e instituições sociais. Em relação à CPI, a mídia influencia as investigações e depoimentos, desde a divulgação das denúncias, as confirmações de que o ‘mensalão’ existiu.

Contudo, o que mostra, de fato, a linha que cada mídia está seguindo, nas investigações da CPI, são os critérios ou filtros para selecionar quais notícias são impactantes e relevantes, a ponto de se tornarem uma capa de revista.

Alsina (1989) explica os modos com que as mídias hierarquizam as notícias no processo de seleção, produção e “publicização”. Entram, nesse contexto, as ações que vão desde a valorização do fato a sua contextualização, seleção das fontes, a distribuição do espaço e do tempo até os modos de apresentação final.

Essa situação complexa precisa ser melhor abordada nas duas mídias. Em relação ao primeiro mês, o que fica claro é que existe uma disputa para quem possui informações relevantes, inéditas, com afirmações no tempo presente, mesmo que seja clara a diferença de ângulo abordada pelas duas. Enquanto **Veja** trabalha, incisivamente, temas como a corrupção, o governo perdendo forças e o PT visto como partido corrupto, **IstoÉ** trabalha uma relação de divulgação de fatos, sem mostrar se está confirmando a participação direta do governo Lula na corrupção. **IstoÉ** confirma o ‘mensalão’, mas não condena ou afirma que os petistas são os responsáveis por esse esquema, até o primeiro momento, ao contrário da **Veja**, que não só tematiza, mas também julga e dá a sua própria sentença.

A CORRIDA PELA INVESTIGAÇÃO

A capa da **IstoÉ** da primeira semana de julho traz a imagem do mapa brasileiro, totalmente coberto de lama, sendo limpo inicialmente na região nordeste, com o seguinte título: “É a Hora da Faxina”(06/07/05).

Como é uma capa que trabalha mais a imagem, a figuração, o que transparece em primeiro plano, por meio de seu título, é a ideia de que o Brasil inteiro está coberto por essa lama, que remete à corrupção, mas que não há culpados diretos até o momento, a não ser o fato de que o Nordeste esta sendo o primeiro alvo da limpeza, talvez pelo fato de a maioria dos políticos investigados serem dessa região. No entanto, esse quesito é apenas uma hipótese: o Brasil está sujo com toda essa situação apresentada.

A Revista **Veja**, por sua vez, percorre um caminho distinto desde o princípio das investigações, até por ser a mídia reveladora das denúncias do ‘mensalão’. Em sua primeira edição de julho, a manchete: “O elo se fecha”, com o texto: “Documento é a peça que faltava para provar que Marcos Valério e o PT são um só, quando o assunto é dinheiro. Ele avalizou um empréstimo milionário para o partido e até pagou uma parcela”(06/07/05). A imagem apresentada é do próprio Marcos Valério, acusado de ser o responsável pelo empréstimo aos políticos e também pela assinatura no documento que comprovaria o esquema de corrupção.

Na edição seguinte de **IstoÉ**, a manchete é: “A CPI pega fogo”, com o texto complementar: “Quebra de sigilos de Roberto Jefferson e da cúpula do PT

radicaliza clima entre oposição e governo. Cientistas políticos apontam cenários para o fim da crise. E as denúncias não param de surgir” (13/07/05).

O que comprova a marca da revista nessa cobertura é o modo com que construiu essa manchete, com a imagem de diversos políticos, inclusive o relator da CPI, no meio de um círculo de fogo, que, por meio desse título, traz a ideia de que novos fatos estão surgindo, muitas pessoas estão envolvidas, mas até o momento não há culpados ou inocentes, mas sim, um círculo de suposições e intrigas, uma vez que novas denúncias surgem a cada dia.

A Revista **Veja**, por sua vez, segue enfatizando a crise do governo, com o título: “Ele Sabia?”, referindo-se à imagem de Lula, destacado na capa, com uma expressão que remete a quem está pensativo, mas, ao mesmo tempo, em dúvida, (13/07/05). A capa ainda traz uma pesquisa em que a mídia afirma que 55% dos entrevistados alegam que Lula sabia de toda a corrupção. **Veja** ainda apresenta a manchete do petista preso com 100 mil dólares na cueca, em um aeroporto.

Nesse momento, a revista mostra que suas denúncias direcionam-se à ideia de que o governo Lula seria corrupto e que, até que certo ponto, o presidente era inocente, uma vez que a CPI estava abordando os políticos de forma singular, não o governo como um todo, mas que até o momento já havia encurralado o braço direito do presidente, José Dirceu, o tesoureiro do partido, Delúbio Soares e o presidente da sigla, José Genuíno.

As duas mídias mostram as diferentes formas de cobertura, o que vai se tornando mais intenso a cada edição sobre a CPI. No próximo exemplar, **IstoÉ** indaga: “Por que Lula ainda continua Lula”(20/07/05). Ainda, fornece um dado em sua capa, dizendo que, apesar da crise, a popularidade de Lula aumenta, e também destaca que sua imagem está cada vez mais elevada na França. Essa edição traz uma pesquisa com resultados opostos à última publicada pela **Veja**, pois enquanto uma edição alega que Lula estaria envolvido no esquema, a outra diz que sua popularidade só aumenta, como se constata na comparação das duas capas, a seguir (Figuras 1 e 2).



Figura 1 - Capa da Revista **Veja** de 13/07/2005.



Figura 2 - Capa da Revista **IstoÉ** de 20/07/2005.

Além de mostrar na capa a imagem de uma bola de boliche com o dizer “corrupção”, a edição é montada com pinos derrubados, que remetem a personagens da CPI que acabaram ‘caindo’, devido às provas contra eles. Personagens como os petistas Dirceu, Genoíno e Delúbio, aliados a Jefferson, que os denunciou, e Marcos Valério, o responsável pelo fornecimento financeiro. Nessa capa, a imagem de Lula é representada por um pino do jogo de boliche, que está intacto e em que o Presidente aparece sorridente, protegido por uma barreira. A forma com que a capa foi construída denota, de certa forma, que o Presidente está, até então, isento das acusações. Por meio dessa capa, **IstoÉ** o absolve.

Uma observação dessa capa é que todos os personagens nela derrubados não haviam sido mencionados em qualquer outra edição da revista, em sua capa, como acusados ou responsáveis pela corrupção, apesar da cassação de três deles e afastamento de outros dois.

A **Veja** continua no mesmo caminho trilhado desde as investigações, dessa vez, a capa afirma: “Mensalão – Quando e Como Lula foi Alertado”(20/07/05). A imagem do presidente na capa, de forma sombria, como apenas um reflexo, mas que denota seu perfil traz à tona que não só o governo está envolvido na corrupção, mas também como Lula estaria ciente de todos os problemas.

O mais intrigante é que, enquanto a **IstoÉ** diz que Lula está forte e blindado, a **Veja** diz que ele sabia de tudo, ou seja, que possivelmente participava do esquema, o que mostra uma estratégia totalmente adversa das duas mídias na cobertura do mesmo acontecimento.

Na última edição do mês de julho, **IstoÉ** foge um pouco da cobertura da CPI em si e tematiza o eleitor como alvo de sua capa: “Desilusão” (27/07/05). O exemplar apresenta a imagem de um jovem cabisbaixo, enrolado na bandeira nacional, com a imagem de vários televisores em suas costas, com o perfil de diversos políticos, envolvidos e mencionados na CPI como participantes e suspeitos do esquema, inclusive o Presidente Lula. Há polifonias nesse contexto, pois o modo que a capa foi construída não remete só à política, mas à opinião pública, ao nacionalismo, ao civismo, entre outros temas.

A ênfase de **IstoÉ**, nesse momento, não são as investigações da CPI, mas sim, a reação do público ou o eleitor, que é o mais prejudicado com todo esse escândalo. A imagem desolada e sombria reflete, com o título, a ideia de que o brasileiro está cansado de todo o esquema e sente-se derrotado pela corrupção.

Veja encerra o mês com a manchete: “A Chantagem - 200 milhões para ficar calado”(27/07/05), com a imagem de Valério, e sobre o Planalto da República,

com a frase: “A história secreta de como Marcos Valério emparedou o governo ao ameaçou contar tudo “.

Se ainda não estava clara a ‘decisão’ da **Veja** de que o governo petista estava envolvido diretamente no escândalo, o dizer de que Valério ‘chantageou’ o governo para não falar tudo, implica em afirmar que há mais coisas além das já divulgadas.

O caráter investigativo da **Veja**, nessa cobertura específica da CPI, rende, a cada edição, o surgimento de uma nova informação que confirma não só o esquema de corrupção, mas também a criação de personagens, como Marcos Valério, que se torna o “homem da mala-preta” e o responsável pelos milhões, supostamente desviados na compra de votos no senado.

Em relação à forma de agendamento das duas mídias no processo de investigação da CPI, conforme as teorias de Traquina (2005), a forma de agendar esse espaço, direcionado à opinião pública, é que é diversificada. A **Veja**, que é a denunciadora do esquema, já elegeu um culpado, o governo petista, enquanto a **IstoÉ** trabalha a corrupção, CPI e o povo desiludido, como acontecimentos atuais, sem personagens bombásticos ou responsáveis pela crise, de forma indireta.

A SENTENÇA DA CPI PELAS DUAS MÍDIAS

“O drama dos inocentes - como vivem os filhos daqueles que viram alvo das CPIs”(03/08/05) é a capa da **IstoÉ** na abertura do mês de agosto, que traz a lágrima de uma criança sobre a confusão da CPI.

Nessa capa, ela enfatiza, para além da corrupção, há inocentes sofrendo com todo esse problema e faz, de certa forma, um apelo para o público, sobre as dificuldades de quem vive o dilema diretamente.

Em contraponto, a **Veja** volta a trazer o personagem Dirceu com o título: “O Risco Dirceu - Os recados ameaçadores que ele manda ao governo; seu secretário particular foi autorizado a sacar dinheiro de uma conta de Valério”(03/08/05).

O caráter investigativo somado à afirmação de que Dirceu estaria ameaçando o governo, após a sua cassação e acusação de envolvimento no ‘mensalão’, está relacionado à estratégia de investigar o governo. É o marco dessa etapa desde a denúncia.

Tanto que, na edição posterior, o título é contundente: “Lulla – Sem ação diante do escândalo que devorou seu partido e paralisou seu governo, Lula está em situação que já lembra a agonia de Collor” (10/08/05), figura 3. A cor escura, a imagem de Lula cabisbaixo, por si só, já seria uma atenuante de que ele estaria

abalado, mas a escrita de seu nome, lembrando o ex-presidente Collor, que sofrera o *impeachment* em 1992, já mostra que a investigação da **Veja** é mais profunda e possui um tom mais agravante: o Presidente Lula estaria ameaçado de ser derrubado devido à crise.

A **IstoÉ** sentencia as consequências do escândalo como uma dúvida à sucessão presidencial em 2006, por meio da manchete: “A crise antecipa a sucessão – Mas só com uma reforma o Brasil poderá se livrar da lama” (10/08/05), figura 4.

A capa ainda traz os títulos referentes à candidatura de Garotinho e Rigotto, a possível concorrência de Serra, mas há a afirmação de Lula que será reeleito. Nesse momento, como resultado de toda corrupção, o questionamento da **IstoÉ** são os nomes que surgiram para concorrer à presidência da república nas próximas eleições.

A **IstoÉ** se despede do tema CPI, na penúltima edição de agosto, com o título: “Lula Ganha Tempo”(17/08/05). Nesse momento, **IstoÉ** conclui que é necessária uma reforma no governo, que a sucessão será acirrada em sua disputa, mas não elege culpados ou dá veredictos sobre a CPI, apenas afirma que o ‘mensalão’ e a corrupção existiram.

A **Veja** segue com a tese de que Lula está ameaçado: “A Luta de Lula contra o Impeachment – A defesa do presidente na televisão não convence e ele perde a chance de explicar o escândalo”(17/08/05).

Enquanto a **IstoÉ** apresenta afirmações do próprio Presidente de que ele vai se reeleger, a **Veja** faz um comparativo ao período Collor e afirma que o risco de *impeachment* é forte, colocando em dúvida o governo petista.

Em uma comparação de personagens, Marcos Valério seria o novo PC Farias do período Collor e Lula seria um dos responsáveis pela corrupção. A sentença da **Veja** se torna mais agressiva e também mais incisiva, como mostra a comparação das duas capas, sentenciando o resultado da CPI: **Veja** = *Impeachment*; **Isto É** = Sucessão Presidencial.



Figura 3 - Capa da revista Veja de 10/08/2005.



Figura 4 - Capa da revista Isto É de 10/08/2005.

A **Veja** ainda segue o tema da CPI por alguns meses, porém **IstoÉ** retira-se da cobertura do tema, mostrando que não só a cobertura do tema é diferente, mas também a sua relevância perante as mídias.

CONCLUSÃO

De forma resumida, analisar as duas revistas na cobertura de um evento, apesar de sua complexidade, gera uma série de observações sobre a pragmática no jornalismo e diversas reflexões sobre as teorias de estudo interligadas ao jornalismo e ao campo da comunicação midiática.

Em síntese, não existe de fato jornalismo imparcial, como um mero espelho da sociedade. Só entre a seleção de temas e os processos de hierarquização do que é prioritário para a mídia, filtros do que é relevante, já torna o jornalismo um processo complexo de produção da realidade.

Por exemplo, na cobertura da CPI, as duas revistas confirmam a existência do ‘mensalão’, porém a **Veja** não só assume o papel de ser esse meio investigativa, como nomeia e sentencia os participantes, antes mesmo do relatório final do caso. Já **IstoÉ** tematiza a CPI de modo que não comprometa sua posição de forma aberta, escancarada, uma vez que ela não elege culpados, mas levanta questões sobre o problema da corrupção, de forma geral e um tanto aleatória.

Cada mídia constrói a sua versão do fato e o modo como o fazem mostra que a forma de construção dos fatos é singular e complexa, passando por uma série de elementos e processos.

A produção de sentidos da notícia e os critérios de “noticiabilidade” se concretizam por meio da linha editorial de cada empresa, ou seja, cada mídia agenda um tema de uma forma singular, gerando novos fatos paralelos e novos temas derivados do mesmo caso.

Nesse caso específico da CPI, **IstoÉ** não condena o governo Lula, mas apenas antecipa a briga pela disputa presidencial nas próximas eleições, enquanto **Veja** não só acusa e julga o governo, mas também, por diversas vezes, levanta a hipótese de *impeachment* do presidente.

É a confirmação que, apesar de a CPI ser uma só, a sua cobertura depende da forma como é analisada e construída para o público, como toda a pragmática e a complexidade do jornalismo.

A pesquisa poderá servir como alento a outros pesquisadores que se interessam pelo tema, para que possam desmembrar outros pontos que talvez não foram esclarecidos nesta pesquisa.

A opção de não trabalhar diretamente com as imagens de forma aprofundada, pela intenção de priorizar o discurso verbal, permite um trabalho futuro mais específico sobre o tema que possa envolver, de forma mais abrangente, a capa como um todo: o texto, o título e a arte final.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construccion de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VERON, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 48, p. 46: Felafacs, 1997.